

## SEÇÃO III – OPINIÃO

### Para onde conduz o Martelo de Nietzsche?

Louise Cristina Vieira<sup>23</sup>

A filosofia sob a ‘força do martelar’ representa em Nietzsche, o percurso de uma crítica à tradição metafísica que se estende desde a noção platônica de mundo até a modernidade, na qual o sujeito ganha lugar relevante nas investigações sobre o conhecimento lógico explicativo do mundo, que é concebido como uma multiplicidade, que aparece “para o sujeito” e “nele”.

No percurso da crítica Nietzsche afirma que conceitos foram utilizados pela tradição metafísica, com o intuito de garantir o desvelamento de um mundo teorizável, e por isso, determinações como espírito, alma, consciência, significam antes um caminho pra desvalorizar os aspectos da vida ligados a corporeidade do homem e do mundo.

Durante a modernidade na história da filosofia, Descartes foi o representante de grande renome dessa corrente; através das noções *res cogitans* e *res extensa*, a filosofia mergulha na perscrutação cujos pólos ob-postos são o sujeito (como um eu) e o mundo (como um objeto apenas), tal oposição é dada pela incongruência dessas instâncias.

Nesse caminho, o modo de dizer o que é o homem se atrela às necessidades metafísicas do conhecimento, o corpo – como parte do mundo, isto é, *res extensa*, se torna empecilho na tarefa do conhecimento. A *res cogitans*, tomada como alma, espírito significa o próprio sujeito, e um princípio metafísico como esse é tomado por verdadeiro e melhor princípio na busca pelos conhecimentos sobre do mundo.

A tarefa do conhecimento é engajada sob o pressuposto de que esta razão de cunho teórico é instrumento dado à tarefa de retirar o Véu de Maya (o véu da ilusão) existente na mundanidade. A busca lógico racional deve encontrar verdades inquestionáveis sobre o mundo real, assim, toda essa filosofia é pensada sob o fio condutor de um critério de verdade, a saber – a correspondência conveniente entre o teórico-racional e as percepções do homem no mundo.

Concomitante à tarefa crítica, em que o desmonte dos pressupostos modernos é dado como diagnóstico de decadência do homem, Nietzsche apresenta uma nova perspectiva a relação do homem com o mundo, que não dá continuidade aos pólos ob-postos definida pela filosofia moderna; o filósofo, como que devolve o homem a si próprio e aponta no esquecido mundo, o corpo, a corporeidade, posição que oferece ao filosofar um novo horizonte e arroga uma nova compreensão das noções de homem e mundo.

Sob a perspectiva do corpo lugar da multiplicidade, Nietzsche não somente evidencia o caráter insuficiente das concepções filosóficas modernas, mas empreende a perspectiva crítica como arma criadora, num movimento de destruição e criação.

<sup>23</sup>Graduada em Filosofia (UEM). E-mail: louise.vieira@bol.com.br.

Em O Nascimento da Tragédia de 1872, sob os signos do *apolíneo* como harmonia, criação e do *dionisíaco* como desmedida, destruição, Nietzsche elogia a arte grega que tem a abertura necessária para falar da vida sem engessá-la em conceitos ou verdades definitivas, apontando também o caminho de seu filosofar. De forma ampla as noções de criação e destruição persistem na obra nietzsiana, visto serem considerados movimentos naturais à reflexão filosófica, de modo que em sua própria filosofia o golpe de martelo não se constitui uma finalidade em si mesma, mas atua como instrumento para surgir aquilo que ainda não foi vislumbrado<sup>24</sup>.

A ultrapassagem nietzsiana das noções metafísicas tradicionais aparece sob um princípio diverso daquele que fora alvo de suas críticas – o mundo não é tomado como algo que deve ser descoberto em sua perspectiva absoluta ou seu pólo verdadeiro; ao contrário, sob o fio condutor da corporeidade, percebemos que nossa vida é possível através do jogo da multiplicidade.

Nietzsche instaura o corpo como figura máxima a ser considerado na tarefa filosófica de dar sentido a este mundo, ele é considerado o lugar donde derivam todas as possibilidades. “Assim atravessa o corpo a sua história, lutando e elevando-se. O espírito, que é para o corpo? É arauto das suas lutas e vitórias, seu escudo e seu eco.” (NIETZSCHE, 1977, PP. 88-9.) Se outrora o supremo valor fora a *res cogitans*, o espírito e o que mais se caracterizasse como além-do-mundo, agora, a vida, corpo e mundo são o supremo valor.

Nessa nova perspectiva filosófica, o corpo não é considerado uma substância com determinações absolutas, nem uma unidade da qual se possa determinar uma “natureza humana”; corpo é concebido como organismo, que se constitui a partir da hierarquia de um conjunto de impulsos, que lutam por se impor e ter mais potência<sup>25</sup>.

Concebendo o corpo como relação hierárquica de forças, em que as partes hierarquizadas sob o signo de funções derivadas dessa luta por domínio, a dinâmica dos impulsos permite que, embora haja uma hierarquia constituída pela imposição do mais forte sobre o mais fraco, isto não determine que o um impulso dominante se perpetue como tal.

Noções como alma, espírito ou consciência, são entendidas como um nome de qualquer coisa no corpo<sup>26</sup>, e este é posto como instância decisiva para as compreensões que fazemos do que seja o mundo, que compreendido como multiplicidade, não evoca as figuras metafísicas estabilizadoras e unificantes supostamente necessárias para o conhecimento. A compreensão da vida em geral é vista à luz da dinâmica da multiplicidade, que em Nietzsche é dita através da doutrina da Vontade à Potência<sup>27</sup>.

<sup>24</sup>Cf. ONATE, 2003, P.15.

<sup>25</sup>Cf. FREZZATTI, 2004.

<sup>26</sup>Cf. NIETZSCHE, 1977, P.51 e NIETZSCHE, 2004, PP. 72-4.

<sup>27</sup>Optamos pela tradução de Wille Zur Macht por Vontade à Potencia, originalmente utilizada pelo Prof. Dr. Alberto Onate, e conforme esclarece – existem dois empregos nietzsianos para a expressão Wille Zur Macht, no primeiro o termo é atribuído ao vigor dos quanta dinâmicos, assim deve ser compreendida sempre no plural, no segundo “ela expressa a estrutura compartilhada de atuação daqueles quanta, equivalendo, nessa acepção, a um exercício interpretativo que se propõe outorgar sentido ao conjunto da efetividade. (ONATE, 2003, P.293) Assim, tomamos o regime imperante da Vontade como o que está sempre voltado para a Potencia.

Vontade à Potência é a tese que busca explicar nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade<sup>28</sup>. No embate por mais potência, o organismo enfrentaria quaisquer barreiras para crescer e ampliar seu domínio, assim como a dominação, incorporação e assimilação de elementos.

Segundo a dinâmica da Vontade à Potencia, um corpo interpreta o “mundo exterior” com desígnio ou tendência a expandir suas forças, elege o que lhe proporciona o maior *quantum*<sup>29</sup> de potência, incorpora, assume o mais fraco como função de si, luta para dominar o mundo circundante. “O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente vontade de poder e nada mais.” (NIETZSCHE, 2003, P.43)

Para o filósofo alemão, Vida é jogo de forças, sendo o corpo uma relação de impulsos que combatem entre si por dominação e o mundo em sua dinâmica natural, também é dito como o jogo de forças – Vontade à Potência. No §36 de Além de Bem e Mal, 1885-6, lemos: “o mundo é visto de dentro, e definido conforme as relações e os graus de força do organismo.” Sob esse aspecto o ato de interpretar, filosofar, etc., também seriam formas de domínio.

Essa nova concepção filosófica aponta o corpo como lugar da determinação de sentido, donde nossas interpretações de mundo derivam. Nietzsche se posiciona como um “cético criador, interpretante”, pois não acredita que seja um “instinto do conhecimento” o pai da filosofia, mas algo diverso, que apenas se utilizou desse instinto, como instrumento<sup>30</sup>.

A teoria da Vontade à Potência devolve o homem ao solo de suas estratificações. A partir da compreensão de corpo como multiplicidade de impulsos, hierarquia, jogo de forças, é pertinente dar relevo ao questionamento nietzschiano a respeito do próprio processo consciente, já que, segundo os parâmetros do filósofo, este emerge do jogo dinâmico vital.

Em O Crepúsculo dos Ídolos, 1889, Nietzsche escreve:

Outra tomava-se a transformação, a mudança, o vir-a-ser em geral como prova da aparência, como sinal de que algo tinha se apresentado que necessariamente nos conduzia ao erro. Hoje, ao contrário, vemos até que ponto o fato de o preconceito da razão nos obriga a fixar a unidade, a duração, a substancia, a causa [...]. (NIETZSCHE, 2000, P.28)

Se na história da filosofia (entenda-se metafísica) desde Platão, houve uma separação entre aparência e realidade, fundamento e fundado, culminando na filosofia moderna com a trajetória cartesiana e a caracterização do humano como sujeito/coisa pensante, em oposição à coisa extensa, pensamento versus corporeidade, então devemos de fato questionar se há de fato oposições em absoluto, por mais que estas sejam populares, ou ainda, se estas “não serão apenas avaliações superficiais, perspectivas provisórias, projetadas mais do fundo de um

<sup>28</sup>Cf. NIETZSCHE, 2003, P.43.

<sup>29</sup>Uma curiosidade é que na física esse conceito representa a quantidade de energia que um elétron emite ou absorve ao saltar de uma órbita estacionária para outra.

<sup>30</sup>Cf. NIETZSCHE, 2003, P.13.

recanto [...]." (NIETZSCHE, 2003, P.10)

O pensador considera que a trajetória cartesiana de chegada ao *cogito* fora uma dentre as tantas necessárias dissimulações do entendimento para que o mundo viesse a ser apreensível teórico-racionalmente. A ideia cartesiana de um sujeito/*res cogitans* que permanecia na segurança de uma conquista racional perde sentido frente à interpretação de mundo nietzschiana, que em seu cume, pretende denunciar os subterfúgios da criação de conceitos.

Nietzsche evidencia que não é um sujeito que pensa os pensamentos, mas os pensamentos que sendo resíduos da relação interna dos instintos, e com intuito de aumentar sua esfera de atuação, inventam para si o soberano, unificador e coordenador<sup>31</sup>, chamado Eu. É outorgada uma dimensão de maior profundidade à consideração de nossos instintos, pois ao plano de fundo de nosso sagaz entendimento e suas ficções reguladoras jazem os “fluxos e refluxos do dinamismo vital presente em cada formação humana de domínio,” (ONATE, 2003, p.17)

De modo geral, a filosofia sempre se ocupou da perspectiva de seu criador, mas não houve um momento que se refletisse acerca de suas condições de desenvolvimento, na filosofia de Nietzsche a busca pela origem dos conceitos é conhecida como procedimento genealógico, e é esse o sentido tomado para pensar a relação entre a filosofia como busca da verdade e a humanidade do homem.

O homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máxima *bellum omnium contra omnes* desapareça de seu mundo (NIETZSCHE, 2005, p.54)

A necessidade de um tratado de paz, e convivência, trouxe consigo o primeiro impulso à verdade, e seguindo essa tendência os homens tratam as palavras, como o desígnio de um fixo, que deve ser uniforme e obrigatoriamente válido; desta regra para a linguagem temos enfim, as primeiras leis da verdade. Contudo, “dividimos as coisas por gêneros, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino: que transposições arbitrárias!” (NIETZSCHE, 2005, p.55)

A crítica nietzschiana não poupa nem o mais convencional dos instrumentos teóricos, a linguagem. Esta constitui o modo como o homem crê saber algo das coisas mesmas, mas essa verdade criada não se verifica, pois originariamente a linguagem é metáfora de um mundo em que tudo é devir.

A gramática é criação humana e em certa medida, arte de dissimulação do vir-a-ser. Na medida em que nos acostumamos a crer em conceitos e nomes de coisas como eternas verdades, deixamos à margem a dimensão metafórica da linguagem mesma. Seguindo a crença nas verdades encontradas, conduzimos nossa compreensão de tudo segundo a

<sup>30</sup>Cf. ONATE, 2003, P.17

permanência e fixidez das palavras.

Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é um distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza, além das folhas houvesse algo, que fosse ‘folha’(...). (NIETZSCHE, 2005, P.56)

As formulações lógicas impelem ao esquecimento que unifica as coisas dadas, a caráter de necessidade e, distanciam a verdade da linguagem como metáfora para o mundo.

Os pressupostos lógicos impressos à linguagem do conhecimento indicam, também, o sentido da história da metafísica para seus criadores – a tendência à racionalidade fez da história dos homens ciência datada em conceito e levou à formulação de verdades fechadas, um percurso entre o passado e o futuro, uma busca incessante<sup>32</sup>, que revela por si o lema da historicidade filosófica – “*Fiat veritas, pereat vita.*”<sup>33</sup>.

Nietzsche aponta que o sentido histórico, quando prepondera irrefreadamente extirpa o futuro, mas ressalta que, assim como tudo o que é orgânico não necessita somente de luz, mas também de escuridão, analogamente todo agir requer esquecimento. Podemos pensar em um homem que não tivesse essa força de esquecer, condenado a ver em tudo um vir-a-ser... “Tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser.” (NIETZSCHE, 2005, p.280)

Para o pensador, nosso fazer histórico será sempre melhor se, ao invés de investir em tornar estável o movimento inerente à vida, cultivarmos a história em função dos fins da vida, considerando o caráter fundamentalmente dinâmico desta.

E a desconsideração do particular e do efetivo que possibilita conceituar, determinar formas fixas; a natureza, porém, não conhece conceitos, formas ou espécies, mas somente um ‘X’, para nós, inacessível e indefinível<sup>34</sup>, indicando que é tempo de investir contra os descaminhos do sentido histórico irrefreado, o gosto excessivo pelo processo, em detrimento da vida.

O filósofo diagnostica que ao tornar fixa a linguagem, o homem determina o seu ‘agir como ser racional’ através de abstrações, e por auto-engano (orgulhosamente), transforma todas as suas impressões e intuições em conceitos; acreditando que há algo assim de definitivo no mundo efetivo, atrela aos conceitos o sentido de suas ações e de sua própria vida.

A tentativa dos filósofos de dizer o mundo na linguagem do conhecimento e da verdade gera uma tensão de duplo aspecto – primeiro, um exagero de sentido histórico, que aprisiona tudo no passado e no futuro; e, por conseguinte, a tendência de fixar as coisas desistoricizando-as.

<sup>32</sup>Cf. NIETZSCHE, 2005, P.254.

<sup>33</sup>Haja a verdade, pereça a vida. (NIETZSCHE, 2005, P.277).

<sup>34</sup>Cf. NIETZSCHE, 2005, P.56.

Os senhores me perguntam o que são todas as idiossincrasias dos filósofos? [...] Eles acreditam que desistoricizar uma coisa, torná-la uma sub specie aeterni<sup>35</sup>, construir a partir dela uma múmia, é uma forma de honrá-la. (NIETZSCHE, 2000, p.25)

Para Nietzsche os conceitos de base da tradição metafísica foram construídos a partir de retalhos ou de ‘mumificações’, e como ficção reguladora da realidade, são utilizados para satisfazer uma necessidade teórico-racional. Em linhas gerais, afirma-se que a vontade de tornar racionalizável e passível de comunicação o conteúdo das percepções é o que impulsiona as empreitadas para fixar dualidades absolutas: corpo-alma, sujeito-objeto, homem-mundo.

Criamos a linguagem e passamos a crer fielmente nela, ignorando seu estatuto de instrumento metafórico – “[...] e, assim, precisamente o filósofo é o mais fácil de ser induzido em erro sobre a natureza do conhecer.” (NIETZSCHE, 2004, p.221). A determinação de dualismos segue somente os moldes da linguagem, desistoricizando o caráter criador na atividade do conhecimento, que em seu próprio fazer, segue preceitos lógicos que unificam conceitualmente, segundo as necessidades da razão<sup>36</sup>.

Penetrando no solo donde emerge o sujeito metafísico, Nietzsche aponta uma tendência que teria engendrado a produção da história da filosofia – a vontade de verdade – como constante tentativa de regular o fenômeno do real, que, nunca visto, encarado ou levado a sério, conduziu a filosofia ao crepúsculo de sua tarefa.

Entre a Primavera e o Outono de 1881, o filósofo escreve:

Na medida em que o mundo se mostra como *calculável* e *mensurável*, e, portanto, como *confiável*, ele adquire dignidade perante nós. outrora o mundo *imprevisível* (do espírito) tinha dignidade e provocava mais temor. No entanto, vemos o **poder** eterno num lugar totalmente diferente. Nossa percepção em relação ao mundo **gira em torno do pessimismo do intelecto**. (NIETZSCHE, 2005, P.108)

Para o filósofo alemão, devemos pensar o desenvolvimento da filosofia atrelado sempre a essa tendência, da qual os exemplos modernos fundamentais são Descartes e a preocupação em suprimir as fontes do erro, Kant, com a crítica da razão culminando na dualidade entre coisa em si e fenômeno. Esse mundo, “assim supõem eles, é que seria o mundo verdade, em relação ao qual o nosso mundo cognoscível seria um mero engano.” (NIETZSCHE, 2002, P.91)

O mesmo acontece com Schopenhauer e sua Vontade de Vida sendo a própria coisa em si, porém Schopenhauer foi uma das maiores influências da filosofia de Nietzsche. Encontramos o fio condutor das assertivas lançadas contra a tradição metafísica quando

<sup>35</sup>Do ponto de vista do eterno.

<sup>36</sup>Faz jus apreciarmos a seguinte passagem nesse contexto: “A ‘razão’ na linguagem: oh! Que velha matrona enganadora! Eu temo que não venhamos a nos ver livres de Deus porque ainda acreditamos na gramática...” (NIETZSCHE, 2000, P.29)

consideramos sua tese da dinâmica da Vontade à Potência, mas é justamente a partir da filosofia schopenhaueriana com sua terminologia Vontade – *Wille*. A crítica à noção de Vontade serviria de alavanca para a construção da interpretação acerca do tema.

Schopenhauer parte da tese kantiana, especialmente da noção de fenômeno (naturalmente oposto à coisa em si), assim, postula que o mundo não é mais que representação; esta por sua vez, conta com dois polos inseparáveis: de um lado o objeto, constituído a partir do espaço e tempo, de outro, a consciência subjetiva acerca do mundo, sem a qual este não existiria como tal.

Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se comprehende como um ser movido por aspirações e paixões, estas constituem a unidade da Vontade, compreendida como o princípio norteador da vida humana. Voltando o olhar para a natureza, concebe que esta mesma Vontade está presente em todos os entes, figurando como fundamento de todo e qualquer movimento. Assim, a Vontade corresponderia à coisa em si; ela é o substrato último de toda realidade, assumindo o caráter de fundamento Uno, eterno e imutável.

Para Schopenhauer, a Vontade não se manifesta como um princípio racional, mas é impulso cego, que leva todo ente a desejar sua preservação; é também a causa de todo o sofrimento, porque lança os entes em uma perpétua cadeia de aspirações, condicionando-os ao sofrimento de permanecer sendo algo que jamais consegue completar-se.

A consciência humana seria uma mera superfície, tendendo a encobrir a irracionalidade inerente à Vontade e conferindo causalidade a seus atos e ao próprio mundo; contudo, através da experiência dos sentidos o homem teria acesso a essa Vontade de Vida, inerente a todas as coisas e chegaria à compreensão de que a vida é dor e sofrimento.

Insatisfeito com as conceituações e concepções do filósofo pessimista, Nietzsche o acusa de apenas ter feito o que os outros filósofos já costumavam fazer, tomar um preconceito popular e exacerbá-lo<sup>37</sup>.

Para Schopenhauer, a Vontade como coisa em si é o substrato da realidade, causa do mundo; os moldes de seu pensamento dão continuidade aos dualismos comuns na história da filosofia – ele ainda postulou uma verdade por detrás de todo acontecimento e de toda ação.

Contraposta a essa visão, Nietzsche trabalha com a ideia de que ainda que não conhecêssemos nada de real, ao estilo de ‘essências’, além de nosso mundo de desejos e anseios, isto, por si mesmo, deveria ser encarado como sintoma; em A Genealogia da Moral, 1887, aponta – “Não existe um tal substrato; não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo.” (NIETZSCHE, 2004, P.36)

Nietzsche denuncia que essa vontade tomada como fundamento, só tem unidade, comprehensibilidade, segundo os parâmetros conceituais filosóficos, que estão sempre a fins da vontade de verdade, da necessidade de fixar conceitos que por si mesmos descrevam

<sup>37</sup>Cf. NIETZSCHE, 2003, P.23-4.

homem e mundo. “O povo duplica a ação, na verdade, quando vê o corisco relampejar, isto é a ação da ação: põe o mesmo acontecimento como causa e depois como seu efeito.” (NIETZSCHE, 2004, P.36)

Dado o caráter do entendimento, viciamo-nos em predicar todo acontecimento segundo a lei da causalidade, concebemos todo acontecimento como decorrente de uma causa (outro acontecimento) que faz o acontecimento ser efeito, que é sempre causa de outro efeito...

Mesmo influenciado por um filósofo metafísico tal qual Schopenhauer, a autenticidade do pensamento em Nietzsche aflora elementos que o distinguem da tradição filosófica; contudo suas críticas ganham maior relevância quando pensadas à luz da dinâmica da Vontade à Potência.

A expressão Vontade à Potência (*Wille Zur Macht*) é mencionada pela primeira vez na obra Assim Falou Zaratustra, 1883 – “Sobre cada povo está suspenso um quadro de bens. É o quadro, se vê, das suas vitórias sobre si mesmo; é a voz de sua Vontade de Poder”<sup>38</sup> (NIETZSCHE, 1977, p.74)

O referido discurso conta uma das histórias de Zaratustra, que após conhecer muitos povos, percebeu a diferença do que cada um deles valorava como bem e mal. Deste modo o filósofo aponta para o diálogo de Zaratustra – esses valores foram postulados segundo as próprias lutas e superações de um povo, de modo que seus valores apareciam como sintomas das forças que os levavam a valorar o bem e o mal.

No mesmo discurso encontramos ainda – “Na verdade os homens se deram a si próprios todo bem e todo mal. [...] Não o receberam, não o encontraram, não lhes caiu como uma voz do céu.” (NIETZSCHE, Ibid.) Nietzsche desloca a ação avaliativa para fora dos âmbitos comumente dados, segundo a sua filosofia, o avaliar, o querer dos homens, não lhes foi dado de nenhum modo externo.

A característica da Vontade à Potência é que existe impulsos numa dinâmica de jogo e luta buscando ampliar seu campo de ação; juntemos a isto o proclame do caráter ‘terreno’ de sua efetivação. Adicione aos fatos a seguinte passagem: – “Povos suspenderam outrora sobre si uma tábua de bens. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer criaram juntos essas tábulas...” (NIETZSCHE, 1977, P.75)

No discurso em que pela primeira vez a expressão Vontade à Potência é utilizada, deparamo-nos com um contexto em que esta aparece vinculada a duas tendências – o amor que quer dominar e o amor que quer obedecer. Sendo Nietzsche um ferrenho crítico dos dualismos na filosofia, qual seria o sentido deste par de opostos?

Em Dos Mil e Um Fitos, Nietzsche apresenta o conceito de Vontade à Potência como decisivo no sentido das avaliações/valorações... Para as ações do homem. Questionamos então, – de que modo “o amor que quer dominar e obedecer” se relaciona à carga do

<sup>38</sup>O termo *Wille Zur Macht* possui diversas traduções entre as edições brasileiras e portuguesas. Nossa opção encontra-se justificada na nota quatro.

conceito? Que significa dizer que essas formas de amor “criaram juntas as tábua de valor”? O que Nietzsche está dizendo através da palavra amor?

Considerando o estilo metafórico em que o filósofo habita – que sentido se pode dar à palavra amor? Encontramos um indicativo na seguinte passagem de A Gaia Ciência, (1982) – Das coisas que chamamos de amor: “Nosso amor ao próximo, não é ele uma ânsia por nova propriedade?” (NIETZSCHE, 2004, P.65) Por outro lado, os dicionários nos dizem que o amor é sentimento que induz a aproximar, sentimento intenso de atração, e de modo mais geral, o amor é força expressa como disposição afetiva.

Podemos então dizer que as disposições afetivas – obedecer e comandar – criam juntas as tábua de valor; mas permanece a busca – em que disposições como ‘obedecer’ e ‘comandar’ se ligam a Vontade à Potência?

Voltamos então ao discurso, para vislumbrar a estrofe onde a expressão acontece: “Sobre cada povo está suspenso um quadro de bens, é o quadro, se vê, de suas vitórias sobre si mesmo; é a voz de sua Vontade de Poder.” Nietzsche também aponta para “vitórias sobre si mesmo”; e novamente questionamos – de que modo atribuímos vitória? A partir de que se dá alguma vitória? Vitória é aquilo que obtemos através de uma disputa, um embate ou uma luta.

Partindo das respostas de nossos questionamentos, podemos enfim oferecer uma interpretação ao texto nietzschiano – as vitórias sobre si mesmo são vitórias da disputa entre afetos de comando e subordinação, forças que combatem buscando a imposição de sua própria perspectiva, e como força, constituem e se movimentam de tal maneira, que “significam” a Vontade à Potência. Em Genealogia da Moral (2009), o filósofo expressa:

Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um *quantum* de força equivale a um mesmo *quantum* de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer atuar [...]. (NIETZSCHE, 2004, P.36)

No percurso das obras nietzschianas podemos perceber a ocupação em derrubar as estruturas fundamentais da metafísica tradicional; a crítica ao pensamento cartesiano, que opõe os âmbitos das *res cogitans* x *res extensa*, para determinar o sujeito como fundamento. Opõe-se a Schopenhauer, criticando a posição da Vontade como ‘coisa em si’ kantiana e oposta ao mundo como representação. Entretanto, suas críticas parecem ganhar um significado construtivo quando atrelamos a elas o horizonte de pensamento da Vontade à Potência.

Nietzsche retoma o sentido e significado do corpo, e atenta à multiplicidade que o compõe, avaliando que os vários tipos humanos são formados pela associação de impulsos que em cada homem prevalece. Para ele esta formação pulsional mesma é que se impõe,

dominando, ordenando e colocando a seu serviço as outras forças impulsivas ali presentes<sup>39</sup>.

A luta, jogo, relação entre os impulsos é inerente à formação corpórea, e é o fio condutor que impele o homem às suas decisões, escolhendo entre útil e inútil, entre o bem e o mal, segundo a estrutura constituída na dinâmica de seus impulsos mais primitivos; assim as valorações humanas atuam como meios de expressão, como sintoma de decadência ou aumento de potência.

Segundo essa filosofia o próprio ato de interpretar seria expressão de uma força que busca a imposição de sua própria perspectiva.

A vontade voltada para o poder *interpreta*: na formação de um órgão trata-se de uma interpretação: delimita, determina graus, diferenças de poder. Meras diferenças de poder ainda não poderiam perceber a si mesmas como tais: é preciso haver aí um algo-que-quer-crescer, o qual interpreta todo e qualquer outro-que-quer-crescer segundo o seu valor. Iguais nisso – *Interpretação* é ela mesma, na verdade, um meio de se apoderar de algo. O processo orgânico pressupõe permanente interpretar. (NIETZSCHE, 2002, P.159).

Se refletirmos no significado da palavra interpretar, relembraremos que ela não significa somente “fazer a interpretação de”, mas antes, “tomar (alguma coisa) em determinado sentido”. O filósofo considera que tudo o que sobrevém ao corpo, desde a nutrição até os pensamentos e emoções, é assentado pela relação estertorante entre as múltiplas manifestações instintuais da Vontade à Potência que nele se realizam.

Retomando o discurso Dos Mil e Um Fitos, podemos considerar que o amor que quer dominar pode ser compreendido com a própria Vontade à Potência, como afeto de comando, como dinâmica pluriforme de impulsos. E apesar da aparente oposição entre o afeto de comando e o de submissão, ‘o amor que quer obedecer’ também pode ser compreendido nessa dinâmica.

Em um de seus fragmentos tardios Nietzsche aponta – “os esgotados querem descanso, relaxamento, paz, quietura [...]” (NIETZSCHE, 2002, P.100). A luta, o jogo, a relação dinâmica entre impulsos, provocam cansaço e esgotamento, até o ponto em que haja incapacidade de resistir, sequela de um estímulo exagerado. Na luta de impulsos por mais potência alguns são enfraquecidos, de modo que no ápice do cansaço, o amor que quer comandar é já o que quer obedecer, e “o agrado que ainda é sentido em pleno estado de esgotamento é o adormecer.” (Ibid.)

No jogo da Vontade à Potência não existem êmulos definidos e somente no processo (e como um produto metafórico) se pode falar de um instinto ou de uma orientação instintual oposta à outra<sup>40</sup>. Esse jogo dinâmico de impulsos que tendem ao crescimento de potência não se resume a colocar o corpo, o humano, como centro de ramificações, mas excede este espaço: “O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme seu caráter

<sup>39</sup>Cf. ONATE, 2000, P.74.

<sup>40</sup>Cf. ONATE, 2000, P.81.

inteligível – seria justamente ‘vontade de poder’ e, nada mais.” (NIETZSCHE, 2003, P.43)

Ao alargar o campo de ação de tais impulsos beligerantes o filósofo afirma que nossa compreensão de mundo, o que podemos perceber no mundo é o caráter fundamentalmente dinâmico deste. Diferente das “oposições verdadeiras” tais como encontramos no conceito de Vontade em Schopenhauer, a Vontade à Potência não é um fundamento que emana impulsos ou um estado de causa ou efeito, mas é a expressão da própria dinâmica de impulsos como pluralidade inumerável em que o ritmo é de mudança contínua, incorporando ou eliminando, mas sempre desfigurando seus componentes.

A proposta nietzschiana pode nos parecer estranha porque tradicionalmente encaramos o mundo sob a luz e lógica da causalidade, não somente pelo hábito da crença, mas por nossa viciada

[...] incapacidade de conseguirmos *interpretar* um acontecimento de outro modo que não seja como um acontecer a partir de intencionalidades. É a fé no vivente e pensante cônscio o único agente atuante – na vontade, na *intencionalidade* -, de que todo acontecer seja um agir, de que todo agir pressuponha um agente atuante; é a crença no ‘sujeito’. (NIETZSCHE, 2002, P.156)

Quando Nietzsche afirma que nossa interpretação do acontecer é sempre derivada de uma compreensão em que o sujeito é posto na base, retomamos o caminho que incide sobre a crença demasiada dos homens nos poderes da razão e os dualismos dela derivados; para o pensador, não existe um ser por detrás do fazer, do atuar, do devir, a idéia de um agente é uma ficção acrescentada à ação.

Se o mundo é também essa dinâmica, a assertiva ‘a ação é tudo’ nos encaminha à compreensão de que homem e mundo estão para a mesma Vontade à Potência, e nesse movimento se correlacionam; não há ‘O mundo’, nem ‘O homem’.

Não havendo entre ambos uma cisão que possa determinar a absolutização, o polo ontológico da questão do conhecimento pede um novo cuidado – de não reduzir todos os ‘fatos’ e ‘coisas’ numa linguagem meramente lógica, que imprime em seus ditos o tônus da verdade uma. O problema do fazer filosófico surge agora como um problema de linguagem – há linguagem para Vontade à Potência?

**Submetido em 14 de julho de 2013.**

**Aprovado para publicação em 15 de agosto de 2013.**

## **REFERÊNCIAS**

FREZZATTI, W. A Superação da dualidade cultura/biologia na filosofia de Nietzsche.  
In **Revista Tempo da Ciência** (11) 22:115-135; 2º semestre 2004 – Unioeste.

NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. Ed.; tradução: Paulo César de Souza. São Paulo – SP: Companhia das Letras. 2003;

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mario da Silva. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasiliense, 1977.

\_\_\_\_\_. **O crepúsculo dos ídolos**: ou como filosofar com o martelo. 2. Ed.; Tradução: Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos finais**; - Seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kothe. Brasília: Editora Universitária de Brasília; São Paulo: Impressa Oficial do Estado, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. Tradução: J Guinsburg. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria para depois de amanhã**. Tradução: Karina Jannini. São Pauo, SP: Martins Fontes, 2005.

ONATE, A.M. **Entre Eu e Si**: ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica**. São Paulo, SP: Discurso Editorial; IJUI, RS: Ed. UNIJUI, 2000.